

Entre políticas e realidades: o uso de cigarros eletrônicos e outras drogas entre adolescentes

Between policies and realities: The use of electronic cigarettes and other drugs among adolescents

Antônio Rodrigues Ferreira Júnior¹, Ana Vilma de Moura Paiva², Janiele Gomes Dantas², Juvêncio César Lima de Assis², Rodrigo Jacob Moreira de Freitas², Maria Valéria Chaves de Lima², Kalyane Kelly Duarte de Oliveira²

DOI: 10.1590/2358-28982026E110353P

RESUMO Objetivou-se analisar os conhecimentos e as atitudes de adolescentes acerca do uso de cigarros eletrônicos e outras drogas. Pesquisa quantitativa, realizada em duas escolas públicas de ensino médio localizadas no interior do Rio Grande do Norte no ano de 2024. Os participantes somam 119 adolescentes, a coleta de dados foi realizada mediante um questionário e a análise estatística, por meio do programa Stata versão 18.0. Os achados mostram unanimidade de conhecimento sobre o produto, aproximadamente 95% dos participantes afirmam que receberam informações negativas sobre o item, conhecem os malefícios, mas que isso não impede o uso. Ademais, os dados inferem que o cigarro eletrônico está fortemente atrelado à socialização, pois mais de 66% dos respondentes presenciaram amigos fazendo uso do entorpecente, o que acaba por transmitir a ideia de permissibilidade e normalização do uso. As atitudes de aproximação e o consumo de cigarros eletrônicos e outras drogas por adolescentes apontam para a necessidade de ações de educação em saúde que adentrem em outros espaços, a exemplo de escolas e ambientes de entretenimento voltados para os jovens. Logo, é necessário que as políticas sejam pensadas e dialoguem diretamente com os adolescentes, de modo que estes consigam assimilar melhor as informações.

PALAVRAS-CHAVE Estudantes. Saúde do adolescente. Vapor do cigarro eletrônico. Comportamento de procura de droga.

ABSTRACT *The study aimed to analyze adolescents' knowledge and attitudes regarding the use of electronic cigarettes and other drugs. This quantitative study was conducted with 119 adolescents enrolled in two public High Schools in rural Rio Grande do Norte in 2024. Data were collected through a questionnaire, and statistical analysis was performed using STATA software, version 18.0. Findings indicate unanimous knowledge about the product, as 95% of participants reported receiving negative information about electronic cigarettes, acknowledging their harms, and this awareness did not prevent their use. The data suggest that electronic cigarettes are strongly linked to socialization, as more than 66% of respondents witnessed friends using them, reinforcing a sense of permissibility and normalizing consumption. The attitudes of approach and the consumption of electronic cigarettes and other drugs by adolescents point to the need for health education actions that enter other spaces, such as schools and entertainment environments aimed at young people. Policies must be designed to engage directly with adolescents, ensuring they can better understand and internalize the information provided.*

KEYWORDS *Students. Adolescent health. E-cigarette vapor. Drug-seeking behavior.*

¹Universidade Estadual do Ceará (Uece) - Fortaleza (CE), Brasil.

²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - Mossoró (RN), Brasil.
valerialima13@hotmail.com



Introdução

No cenário contemporâneo, a experimentação de drogas na adolescência pode desencadear a reemergência de problemas aparentemente superados. Pesquisa realizada nos Estados Unidos da América, entre 2017 e 2019, demonstrou que adolescentes que fazem uso de cigarro eletrônico apresentam maior probabilidade de consumir também maconha e álcool. Ao analisar o envolvimento dos adolescentes com substâncias psicoativas, é perceptível um cenário que preocupa a saúde pública, o qual transcende o problema do tabagismo. As análises apontam que o consumo de bebida alcoólica e de drogas ilícitas, como a maconha, é expressivo entre os escolares¹.

O tabagismo, embora tenha apresentado uma redução no número de praticantes, permanece uma preocupação de saúde pública, em parte, devido às persistentes investidas da indústria tabagista. De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (Inca), fumar se caracteriza como uma enfermidade crônica, decorrente da dependência causada pela nicotina presente em derivados do tabaco².

Os aparelhos eletrônicos que liberam nicotina, popularmente chamados de cigarros eletrônicos, foram lançados visando reduzir os danos dos cigarros comuns e atuar como apoio no tratamento do tabagismo, pois permitem diminuir gradualmente a nicotina até a sua eliminação³. O mercado de dispositivos oferece uma ampla variedade de produtos, como *vapers*, *Pods*, *e-cigarettes*, entre outros tipos que variam de acordo com detalhes, a exemplo da quantidade de tragadas.

Nessa perspectiva, uma preocupação que merece atenção sobre os dispositivos eletrônicos é o fato de terem se tornado atração para os adolescentes. Dado esse fato, o Brasil tem estabelecido leis, ações e políticas públicas direcionadas às crianças e aos adolescentes, enfaticamente na área de saúde mental, visando a um processo de desenvolvimento saudável nessa etapa da vida⁴.

No Brasil, a mais recente Política Nacional sobre Drogas (PNAD) foi estabelecida por meio do Decreto nº 9.761/2019⁵. Apesar de seus retrocessos, vale ressaltar a relevância do desenvolvimento de estratégias antidrogas para o público mais jovem, tendo em vista que os impactos nocivos do consumo nessa faixa etária são mais intensos quando em comparação aos grupos mais velhos. Isso porque a adolescência naturalmente se configura como uma fase crítica e vulnerável para o início do uso de drogas⁶.

No que tange à questão das drogas entre o público adolescente, o Relatório Mundial sobre Drogas do ano de 2021, produzido pelo United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC), aponta que, entre as pessoas com idade de 15 a 64 anos, os níveis mais altos de uso de drogas são observados entre o público de 18 a 25 anos. Portanto, adolescentes e jovens são a maioria da população que consome drogas⁷.

Sobre os cigarros eletrônicos, no Brasil, a venda, a importação e a publicidade de quaisquer Dispositivos Eletrônicos para Fumar (DEF) estão proibidas desde 2009. Em sua atualização mais recente, a regulamentação desses produtos manteve a restrição – decisão fundamentada em ampla análise de seus riscos e efeitos à saúde pública. A Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 855/2024, além de vedar a comercialização, a importação, o armazenamento, o transporte e a divulgação dos DEF, reafirma a proibição de seu uso em ambientes coletivos fechados, sejam eles públicos ou privados⁸.

O aumento do tabagismo e de produtos com esse composto, bem como outras drogas na fase da adolescência, é um contexto que tem gerado preocupação, dado o fato do prejuízo que tais hábitos podem causar devido à introdução cada vez mais precoce em uma fase delicada da vida e que pode ser determinante para práticas na idade adulta. Portanto, é cada vez mais premente a necessidade de estudos que visem compreender esse fenômeno de uso e apoie as agendas e os compromissos internacionais e nacionais sobre essa problemática⁹.

Abordar essa temática também se mostra importante por estar alinhada a alguns dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), com previsão de serem atingidos até 2030. A temática tem estreita relação e contribuição com a saúde e o bem-estar, que objetivam assegurar uma vida saudável e promover qualidade de vida para todos em todas as idades, cujas metas abrangem prevenir o uso e o abuso de drogas entorpecentes e do álcool, além de fortalecer a implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco em todos os países¹⁰.

Diante do contexto, o estudo objetiva analisar os conhecimentos e as atitudes de adolescentes acerca do uso de cigarros eletrônicos e outras drogas, com discussão à luz das políticas públicas, metas e contextos sociais.

Material e métodos

Estudo quantitativo, realizado entre junho e dezembro de 2024, em escolas públicas que ofertam ensino médio, em município do interior do Rio Grande do Norte. Para a amostra da pesquisa, foi utilizado o cálculo de populações finitas. A população era de 550 adolescentes, de forma que, considerando um nível de confiança de 95% e erro amostral de 5%, a amostra estimada foi de 171 adolescentes, com o quantitativo exato de 119 adolescentes na faixa etária de 14 a 17 anos. A amostragem foi por conveniência, com a captação dos participantes em um local definido: as escolas, ambiente em que se encontrava o público-alvo da pesquisa.

Como critérios de inclusão para a amostra, elegeram-se adolescentes na faixa etária de 14 a 17 anos regularmente matriculados no ensino médio das escolas selecionadas. Por conseguinte, como critérios de exclusão da amostra, optou-se por adolescentes que possuam comprometimentos cognitivos, que os impossibilitem de responder à entrevista; e alunos que faltem às atividades no período de coleta de dados.

A coleta de dados se deu por meio de formulários nos modos *online* e impresso, com o *link* enviado para o *e-mail* dos participantes. As perguntas se direcionavam à primeira experiência com cigarros eletrônicos, à frequência do consumo, à conscientização a respeito dos danos causados, se houve influência de outra pessoa, se já experimentou outros tipos de cigarros e, ainda, se acredita que o uso do cigarro eletrônico pode ter influenciado essa procura.

Para análise estatística, foi empregado o programa Stata (StataCorp. Stata Statistical Software: Release 18. College Station, TX: StataCorp LLC.) versão 18.0, dos quais os dados foram expressos em valores de frequência simples e de porcentagem. Nesse sentido, a associação das diferentes variáveis estudadas, diante do uso de cigarros eletrônicos, foi verificada por meio do Odds Ratio (OR) e intervalo de confiança de 95%, com significâncias obtidas por intermédio do teste de qui-quadrado ou Exato de Fisher.

Este último, contudo, foi utilizado quando as frequências esperadas foram inferiores a 5. Logo, um modelo de regressão logística foi criado para verificar a influência mútua das variáveis. Inicialmente, participaram do modelo logístico as variáveis estatisticamente associadas ao desfecho na análise univariada, permanecendo no modelo final somente aquelas com valor de $p < 0,05$. O teste de Hosmer-Lemeshow foi utilizado para verificar a adequação do modelo logístico, e o nível de significância estabelecido foi de 5%.

O presente estudo foi conduzido em conformidade com as diretrizes éticas e científicas estabelecidas pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde¹¹ e suas complementares, que orienta e regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos. Por se tratar de adolescentes, para a coleta de dados, os pais/responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a participação dos jovens na pesquisa. Os adolescentes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido,

concordando em participar. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, sendo aprovada com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 77806724.6.0000.5294 e Parecer nº 6.734.351.

Resultados

A *tabela 1* retrata a caracterização dos adolescentes participantes, as informações, as vivências e as atitudes em relação ao uso do cigarro eletrônico e outras drogas em Pau dos Ferros (RN), em 2024.

Tabela 1. Caracterização dos adolescentes participantes, Pau do Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, 2024

Variáveis	Freq.	%
Gênero		
Masculino	68	57,14
Feminino	48	40,34
Não informado	3	2,52
Total	119	100,00
Idade		
15 anos	8	6,72
16 anos	56	47,06
17 anos	52	43,70
Não informado	3	2,52
Total	119	100,00
Ano letivo		
Primeiro	25	21,01
Segundo	91	76,47
Terceiro	3	2,52
Total	119	100,00
Sabe diferenciar drogas ilícitas e lícitas		
Sim	85	71,43
Não	34	28,57
Total	119	100,00
Ouviu falar de cigarro eletrônico		
Sim	119	100,00
Não	0	0,00
Total	119	100,00
Experimentou drogas ilícitas		
Sim	14	11,76
Não	103	86,55
Não informado	2	1,68
Total	119	100,00
Recebeu informações negativas sobre cigarros eletrônicos		
Sim	113	94,96
Não	6	5,04
Total	119	100,00

Tabela 1. Caracterização dos adolescentes participantes, Pau do Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, 2024

Variáveis	Freq.	%
Presenciou uso de cigarro eletrônico entre seus amigos		
Sim	79	66,39
Não	40	33,61
Total	119	100,00
Recebeu orientação sobre cigarro eletrônico		
Sim	46	38,66
Não	73	61,34
Total	119	100,00
Cigarro eletrônico é mais danoso		
Discordo totalmente	4	3,36
Discordo parcialmente	14	11,76
Indiferente	13	10,92
Concordo parcialmente	43	36,13
Concordo totalmente	45	37,82
Total	119	100,00
Cigarro eletrônico possui menor potencial de dependência		
Discordo totalmente	40	33,61
Discordo parcialmente	16	13,45
Indiferente	12	10,08
Concordo parcialmente	30	25,21
Concordo totalmente	19	15,97
Não informado	2	1,68
Total	119	100,00
Usar cigarro eletrônico aumenta experimentação de outras substâncias		
Discordo totalmente	6	5,04
Discordo parcialmente	8	6,72
Indiferente	9	7,56
Concordo parcialmente	40	33,61
Concordo totalmente	53	44,54
Não informado	3	2,52
Total	119	100,00
Idade da experimentação		
13 anos	4	3,36
14 anos	7	5,88
15 anos	21	17,65
16 anos	10	8,40
17 anos	2	1,68
Não experimentou	75	63,03
Total	119	100,00
*Primeira experiência estava associada ao álcool		
Sim	10	22,70
Não	34	77,30
Total	44	100,00

Tabela 1. Caracterização dos adolescentes participantes, Pau do Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, 2024

Variáveis	Freq.	%
*Onde teve acesso ao cigarro eletrônico		
Amigos em festa	30	68,18
Amigos na escola	7	15,91
Loja física	2	4,55
Amigos em festa e em casa	2	4,55
Internet	1	2,27
Em casa	1	2,27
Não respondeu	1	2,27
Total	44	100,00
*Freq. de uso de cigarro eletrônico		
Apenas experimentei	27	61,36
Socialmente	15	34,09
Três vezes ao dia	1	2,27
Não respondeu	1	2,27
Total	44	100,00
*Interesse em experimentar surgiu		
Vi outros colegas	16	36,36
Atração pelo dispositivo	14	31,82
Amigos	11	25,00
Influenciador digital	1	2,27
Não respondeu	2	4,55
Total	44	100,00

Fonte: elaboração própria

*Perguntas respondidas apenas pelos participantes que afirmaram já terem utilizado cigarro eletrônico (n = 44).

Observando os dados da *tabela 1*, é possível entender o perfil dos jovens, bem como seus comportamentos, relações e crenças quanto ao cigarro eletrônico e demais drogas. De início, constatou-se que a maior parte dos respondentes era de meninos com aproximadamente 16 anos e que estavam cursando o segundo ano do ensino médio. Embora tais informes sejam descritivos, é possível inferir que parte dos componentes dessa amostra já passou pelo processo inicial de ensino médio, que é marcado pela tentativa de adaptação e formulação de vínculos e hábitos, a qual pode ser conflituosa.

Fica evidente que os adolescentes participantes conhecem a conceituação de drogas

ilícitas e lícitas, logo, distinguem o que possui proibição e possivelmente os motivos para tal. Entretanto, ainda dentro desse círculo, aproximadamente 12% dos jovens relatam ter experimentado drogas ilícitas, levantando a pauta de o porquê experimentar, já que há conhecimento de seus prejuízos (*tabela 1*).

No caso do cigarro eletrônico, há unanimidade de conhecimento sobre o produto, o que não é surpreendente, haja vista a sua popularidade. Inclusive, a maior parte dos participantes afirma conhecer informações ruins sobre o item, mas não necessariamente os malefícios que impedem o uso, até porque os achados inferem que o cigarro eletrônico está fortemente atrelado à socialização, pois

mais de 66% dos respondentes viram amigos utilizando, o que acaba por transmitir a ideia de permissibilidade e normalização do uso. Outro fato interessante é que, embora as respostas apontem o conhecimento a respeito do cigarro eletrônico, 61,34% dos jovens dizem não ter recebido informações, o que leva à reflexão de onde estão vindo as informações obtidas e o questionamento acerca da fidedignidade delas: se são de profissionais, veículos informativos da saúde, educação e sociedade, bem como de pessoas que se preocupam com a pauta e com esses jovens (*tabela 1*).

Quanto às crenças a respeito do cigarro eletrônico, os achados divergiram entre os jovens, pois, quando se pensa em seu potencial de danos, apenas 74% acreditam que ele é mais danoso que outros tipos de droga, e as demais percepções oscilam, mostrando que os jovens conhecem, mas possuem dúvidas sobre esse produto. A afirmação se confirma novamente quando se questiona o potencial de dependência do cigarro eletrônico e se este é menor que as demais drogas. Quanto a esse resultado, há uma discrepância de 33,61% que discordam totalmente e de 15,97% que concordam totalmente. Tais achados apontam a imprescindibilidade de abrir espaços para falar sobre o produto em ambientes frequentados por jovens, como as escolas (*tabela 1*).

A maior parte dos participantes acredita que experimentar o cigarro eletrônico influencia, de alguma forma, a experimentação de outras substâncias. Outrora, mesmo havendo essa consciência, o uso ainda acontece e de modo precoce, como é confirmado nos achados: aproximadamente 72,72% dos respondentes que já experimentaram o cigarro eletrônico tiveram o primeiro contato com 15 anos ou menos. Em contrapartida, dados interessantes apontam que mais de 77% dos respondentes não experimentaram o cigarro em conjunto com o álcool, o que faz refletir acerca do contexto de experimentação: o ambiente? As companhias? Na ausência álcool, há outros tipos de drogas associados? Nesta pesquisa, os ambientes apontados são diversos, porém mais

de 72% dos respondentes afirmaram que eram em momentos festivos e coletivos, reiterando o ideal do cigarro eletrônico como eixo de socialização (*tabela 1*).

As afirmações anteriores também se relacionam com as respostas quanto ao surgimento da vontade de experimentar, mostrando que mais de 64% viram colegas ou amigos usando o produto, seguido pela atração do dispositivo, que, diferentemente dos antigos cigarros, é esteticamente mais moderno e bonito (*tabela 1*). Além disso, há, ainda, a influência cada vez maior da própria indústria digital, que favorece a apresentação do produto por famosos que, proporcionalmente, são seguidos pelos jovens nas plataformas digitais.

Por outro lado, os dados de uso são interessantes por evidenciarem que mais de 61% dos respondentes apenas experimentaram, apontando que, talvez, o comportamento seja também movido pela curiosidade de saber como é a prática. Sobre isso, 34,09% dos respondentes da pesquisa dizem que usam socialmente, contudo, a resposta não parece ser ampla e suficiente para explicar a prática: o socialmente seria apenas em eventos festivos? Semanalmente? Rotineiros? Entre as respostas, há também um número pequeno (2,27%) de sujeitos que usam diariamente ou pelo menos três vezes por semana. No entanto, esses jovens estão tendo algum tipo de acompanhamento por profissionais de saúde para avaliar como essa prática os tem afetado (*tabela 1*).

Discussão

O uso do tabaco, de modo geral, tem sido alvo de diversas políticas no Brasil e no mundo, com enfoque na diminuição do consumo desse produto. No Brasil, há algum tempo, já há controle nas ações de *marketing*, proibição de propagandas e tributos mais caros para a venda de cigarros, visando torná-los menos acessíveis à população. Além disso, há uma produção de campanhas e ações vindas de órgãos públicos e sérios, como o Ministério da Saúde, visando

ao esclarecimento dos malefícios do produto à população¹².

No contexto do controle do tabagismo, é relevante mencionar a adesão à Convenção-Quadro, em 2006, e a promulgação da lei de 2014, que regulamentou a proibição da publicidade e da comercialização de tabaco para menores de idade. Ademais, foram alinhadas ações pelas governanças para as metas de ODS para o ano de 2030. No entanto, vale salientar que os períodos de crise política e econômica influenciam diretamente as questões de saúde da população e em seus estilos de vida, assim como o posicionamento do governo vigente à regulação do tabaco. Logo, com o tempo, há oscilações nesse processo, no sentido de que houve e há momentos na história em que a fiscalização desses produtos enfraqueceu e aumentou o comércio ilegal desses compostos¹³.

Com efeito, ainda que essas propostas tenham sido úteis e reduzido pelo menos 45% a produção de cigarros em território brasileiro, o mercado tem se adaptado, criando produtos e atingindo outros grupos, como é o caso dos jovens. Atualmente, há uma forte pressão industrial para que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) regule os dispositivos eletrônicos para fumos também chamados de *vape*, *e-cigars*, e-cigarro ou cigarros eletrônicos¹².

Desse modo, a mídia tem tentado apresentar o cigarro eletrônico ao público com um ideário de ser menos prejudicial que o cigarro tradicional. A propaganda parte da tese de que o aparelho não realiza combustão (reação química que libera calor) e, por isso, é menos comprometedor. No entanto, o aquecimento dos líquidos que possuem produtos como nicotina, THC, aromatizantes e outros compostos gera partículas com metais pesados, aldeídos nocivos e partículas orgânicas voláteis que agredem o corpo humano¹⁴.

O Acetato de vitamina E, por exemplo, comumente presente nos e-cigarros, tem alto potencial de toxicidade pulmonar. Essa substância visa intensificar a viscosidade dos líquidos, e o seu excesso no pulmão relaciona-se

com a pneumonia lipóide, ao passo que gera inflamações e hipoxia causada por problemas nas trocas gasosas. Ademais, é possível surgir problemas em longo prazo nos usuários, que é o caso do aparecimento de alguns tipos de bronquite, asma, entre outras doenças pulmonares, como a lesão pulmonar aguda, além de ser um fator de risco para o câncer. É imprescindível destacar que, por vezes, os usuários mais afetados pelas patologias advindas dos cigarros eletrônicos não apresentavam problemas respiratórios anteriormente. Tais achados inferem que se deve cada vez mais direcionar políticas e assistências sanitárias para esse produto em específico, de modo que seus malefícios sejam divulgados e o tornem menos atrativo e usual por jovens e adultos¹⁴.

A definição de drogas lícitas e ilícitas é relacionado às formas como estas podem ser adquiridas pelos usuários. São consideradas lícitas aquelas que podem ser vendidas e consumidas livremente em determinados ambientes, como é o caso do álcool e do cigarro, ou adquiridas mediante apresentação de receita médica, no caso dos remédios. As drogas lícitas nem sempre apresentam reações visíveis ao organismo, já as ilícitas estão mais relacionadas com as mudanças físicas e mentais por afetarem o sistema neurológico dos indivíduos e gerar impulsos agressivos. As drogas ilícitas têm seu uso reprimido e possuem diferentes tipos. A discussão da aproximação com drogas lícitas e ilícitas perpassa diversas camadas; é inferido que a família pode ser um fator de risco, tal como questões genéticas e ambientais. No entanto, é sabido que o contato com as drogas vulnerabiliza o jovem ao sexo desprotegido, às infecções sexualmente transmissíveis, à gravidez precoce e à violência urbana¹⁵.

Nesse íterim, é compreensível a importância da existência de políticas, como a Política de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas, para propiciar aos jovens uma adolescência mais tranquila e segura. No entanto, entre os anos de 2016 e 2021, essa política sofreu desmontes consideráveis devido ao fortalecimento

da privatização da saúde e da pandemia da covid-19. Durante o processo de desmonte, há destaque para a consolidação dos hospitais psiquiátricos e de instituições com vinculação religiosa, havendo uma lógica de remanejamento, e a saúde vista como mercado¹⁶.

Os retrocessos na Política de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas são preocupantes e afetam milhares de pessoas em diferentes faixas etárias. No entanto, quando se pensa nos jovens, as repercussões desses problemas podem ser maiores, pois a rede que acompanha esse público, por si só, já é fragilizada. A relação intersetorial entre a escola, que é um ambiente importante para a vivência adolescente, e os serviços de saúde é fragilizada, o que compromete a promoção à saúde e a prevenção ao uso de drogas. Essa fragilização faz com que os jovens fiquem suscetíveis a outros tipos de influência e informação¹⁷.

Sobre as políticas e os serviços de saúde, é notório que existem limitações nas ações para prevenção, cuidado e redução de danos. Dessa forma, na elaboração de Projetos Terapêuticos Singulares (PTS) para adolescentes em situação de vulnerabilidade, é essencial o alinhamento aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), à Rede de Atenção Psicossocial (Raps) e às estratégias de Redução de Danos, considerando o contexto sociocultural do jovem e as complexidades inerentes ao uso ou à vulnerabilidade ao uso de cigarros eletrônicos e outras substâncias¹⁸.

Ao considerar as vivências e os ambientes, é cabível acentuar a pauta da influência, que sempre deve ser levada em consideração quando se pensa em jovens e no consumo de drogas, pois, diferentemente dos outros grupos sociais, a adolescência carrega a pressão de aceitação, socialização e o medo de estigmatização social. Logo, o adolescente pode se inserir em ambientes, contextos e ações sociais prejudiciais apenas pelo desejo de ser aceito, somado à falta de maturidade, além da busca de aliviar conflitos internos e externos da sua vida com as sensações advindas das drogas. No entanto, é notório que os adolescentes que

possuem algum tipo de crença social ou melhor compreensão de si mesmo lidam melhor com os conflitos e com a pressão social que influencia ao uso de drogas¹⁹.

No entanto, de modo geral, os estudos encontrados nesta pesquisa dialogam com os achados dos demais estudos. Isso porque a literatura científica alerta para um crescimento considerável do uso diário de cigarros eletrônicos e outras drogas, assim como de experimentações que caminham retilineamente à dependência de nicotina. O perfil de dependência do cigarro eletrônico e outros produtos, como narguilé, diferem do cigarro industrial tradicional por variar nas concentrações de nicotina, modelos e tipos, bem como pelo perfil de dependência. Enquanto a dependência de cigarros tradicionais geralmente é atrelada às pessoas de baixa escolarização e renda, os cigarros eletrônicos e narguilés estão mais associados a grupos com maior escolaridade e melhor poder aquisitivo²⁰.

Como limitações, ressaltam-se as barreiras para falar com os participantes sobre o uso do cigarro eletrônico e outras drogas, de forma que a coleta de dados só se efetivou por meio de questionário, pois qualquer aproximação para entrevista ou conversa foi rejeitada pela maior parte dos adolescentes. Ademais, algumas questões não foram respondidas por todos os participantes.

Conclusões

Com base nos resultados, pode-se refletir sobre a origem dessas informações, uma vez que mais da metade da amostra afirma não as receber. Os dados mostram que os adolescentes escolares participantes da pesquisa possuem conhecimento sobre os cigarros eletrônicos, inclusive informações mais precisas, como efeitos negativos, sabem que são mais danosos do que o cigarro comum e que aumentam o risco de experimentar outras drogas. Contudo, o fato de possuir essas informações não inibe as atitudes em relação ao uso, visto que alguns

já experimentaram drogas lícitas e ilícitas por meio de amigos e em festas.

As atitudes de aproximação e o consumo de cigarros eletrônicos e outras drogas por adolescentes apontam para a necessidade de ações de educação em saúde voltadas aos adolescentes escolares e de políticas e estratégias de combate ao uso dos cigarros eletrônicos. Portanto, há necessidade de adentrar outros espaços, como escolas e ambientes de entretenimento de jovens, assim como fortalecer parcerias entre eixos como saúde e educação. Logo, é necessário que as políticas sejam concebidas e dialoguem diretamente com os adolescentes, para que estes consigam assimilar melhor as informações sobre cigarros eletrônicos e outras drogas.

Contribuições de autoria

Ferreira Júnior AR (0000-0002-9483-8060)* contribuiu para redação e revisão crítica do manuscrito. Paiva AVM (0009-0006-8491-6500)* e Dantas JG (0009-0007-5461-0460)* contribuíram para coleta, análise e interpretação dos dados do manuscrito. Assis JCL (0000-0003-1327-3385)* contribuiu para aprovação final do manuscrito. Freitas RJM (0000-0002-5528-2995)* e Oliveira KKD (0000-0001-7713-3264)* contribuíram para a concepção e desenho do estudo. Lima MVC (0000-0002-9278-5612)* contribuiu para concepção e desenho do estudo, coleta, análise e interpretação de dados, redação e revisão crítica do manuscrito. ■

Referências

1. Kreski NT, Ankrum H, Cerdá M, et al. Nicotine vaping and co-occurring substance use among adolescents in the United States from 2017–2019. *Subst Use Misuse*. 2023;58(9):1075-79. DOI: <https://doi.org/10.1080/10826084.2023.2188462>
2. Instituto Nacional de Câncer (BR). Prevalência do tabagismo [Internet]. Brasília, DF: Inca; 2022 [acesso em 2025 mar 15]. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/dados-e-numeros-do-tabagismo/prevalencia-do-tabagismo>
3. Barradas ASM, Soares TO, Marinho AB, et al. Os riscos do uso do cigarro eletrônico entre os jovens. *Glob Clin Res*. 2021;1(1):e8. DOI: <https://doi.org/10.5935/2763-8847.20210008>
4. Cubas JM, Bonamigo VG, Alvarenga R, et al. A infância e a adolescência na política de saúde mental: uma análise por meio dos conselheiros e conferências de saúde. *Ciênc saúde coletiva*. 2024;29(5):e01452023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024295.01452023>
5. Presidência da República (BR). Decreto nº 9.761, de 11 de abril de 2019. Aprova a Política Nacional sobre Drogas. *Diário Oficial da União, Brasília, DF*. 2019 abr 11; Edição 70-A; Seção I:7-8.
6. Almeida TF, Leite IN. Abordagens docentes sobre as drogas no contexto do sistema socioeducativo: uma análise a respeito do Lar do Garoto. *Eccos Rev Cient*. 2023;66:e24154 DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n66.24154>
7. United Nations Office on Drugs and Crime. Relatório mundial sobre drogas 2021: os efeitos da pandemia aumentam os riscos das drogas, enquanto os jovens subestimam os perigos da maconha [Internet]. Viena: UNODC; 2021 [acesso em 2025 mar 15]. Disponível em: https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2021/06/relatorio-mundial-sobre-drogas-2021-do-unodc_-os-efeitos-da-pandemia-aumentam-os-riscos-das-dro

*Orcid (Open Researcher and Contributor ID).

gas--enquanto-os-jovens-subestimam-os-perigos-da-maconha-aponta-relatorio.html

8. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (BR). Cigarro eletrônico [Internet]. Brasília, DF: Anvisa; [data desconhecida] [acesso em 2023 mar 16]. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/tabaco/cigarro-eletronico>
9. Malta DC, Gomes CS, Alves FTA, et al. O uso de cigarro, narguilé, cigarro eletrônico e outros indicadores do tabaco entre escolares brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019. *Rev Bras Epidemiol.* 2022;25:e220014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720220014.2>
10. Organização das Nações Unidas. Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável [Internet]. Nova York: ONU; 2015 [acesso em 2024 fev 7]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>.
11. Conselho Nacional de Saúde (BR). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e revoga as Resoluções CNS nºs. 196/96, 303/2000 e 404/2008 [Internet]. Diário Oficial da União, Brasília, DF. 2013 jun 13 [acesso em 2025 set 2]; Edição 112; Seção I:59-62. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>
12. Costa RCS, Pereira LS, Santos FA, et al. Risco reduzido: para quem? Desfazendo a cortina de fumaça do cigarro eletrônico. *NAU Soc.* 2022;13(25):1094-1111. DOI: <https://doi.org/10.9771/ns.v13i25.52115>
13. Malta DC, Souza JB, Morais EAH, et al. Mudanças no uso do tabaco entre adolescentes brasileiros e fatores associados: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. *Ciênc saúde coletiva.* 2024;29(9):e08252023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.08252023>
14. Brito DG, Siqueira LF, Moreira GC, et al. Lesão pulmonar associada ao uso de cigarro eletrônico (EVALD): características e repercussões. *Braz J Implant Health Sci.* 2024;6(10):4658-64. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n10p4658-4664>
15. Paiva EAF, Mafra SM, Silva RMF, et al. Das drogas lícitas às ilícitas: a educação infantil como potencial preventivo. *Rev Gestão Secretariado (GeSec).* 2024;15(2):e3511. DOI: <https://doi.org/10.7769/ge-sec.v15i2.3511>
16. Santos CM, Moraes CAS. Ataques e retrocessos na política de saúde mental, álcool e outras drogas, no período de 2016 a 2021, no Brasil. *Vértices.* 2022;24(3):919-31. DOI: <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v24n32022p919-931>
17. Garcia EL, Nunes MLT, Ferreira R, et al. Os “nós” da rede: a construção de ações intersetoriais na prevenção ao uso de drogas com jovens escolares. *Desidades.* 2021;(29):200-16. DOI: <https://doi.org/10.54948/desidades.v0i29.43333>
18. Mancilha GB, Covic AN. Cuidado em saúde ao adolescente em vulnerabilidade ao uso de drogas. *Saúde Debate.* 2024;48(140):e8516. DOI: <https://doi.org/10.1590/2358-289820241408516P>
19. Ferreira BVO, Frazão IS, Chaves LCMR, et al. Atitudes de adolescentes escolares sobre o consumo de álcool e outras drogas: estudo transversal. *Rev Baiana Enferm.* 2022;36:e44908. DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v36.44908>
20. Menezes AMB, Wehrmeister FC, Sardinha LMV, et al. Uso de cigarro eletrônico e narguilé no Brasil: um cenário novo e emergente. O estudo Covitel, 2022. *J Bras Pneumol.* 2023;49(1):e20220290. DOI: <https://doi.org/10.36416/1806-3756/e20220290>

Recebido em 19/03/2025

Aprovado em 31/10/2025

Conflito de interesses: inexistente

Disponibilidade de dados: os dados de pesquisa estão contidos no próprio manuscrito

Suporte financeiro: não houve

Editora responsável: Thereza de Lamare Franco Netto, Pesquisadora autônoma - Belo Horizonte (MG), Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0290655154042652>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6186-8311>, e-mail: therezalfnetto@gmail.com